

+ Saúde

O transplante de fígado e o milagre da troca

Cirrose avançada e tumores malignos estão entre as principais indicações

Claudio Augusto Marroni (*) e Ajácio Bandeira de Mello Brandão ()**

O fígado é um órgão de localização estratégica no abdômen e desempenha numerosas funções essenciais à vida. Entre elas, estão processar e ajudar a eliminar substâncias potencialmente tóxicas, participar da defesa do organismo e regular o metabolismo de carboidratos, proteínas, gorduras, hormônios e medicamentos. Possui, além disso, grande reserva funcional, o que permite que continue desempenhando suas funções mesmo quando parte de sua capacidade está comprometida. Essa capacidade, entretanto, pode ser progressivamente reduzida quando o fígado é submetido a agressões persistentes.

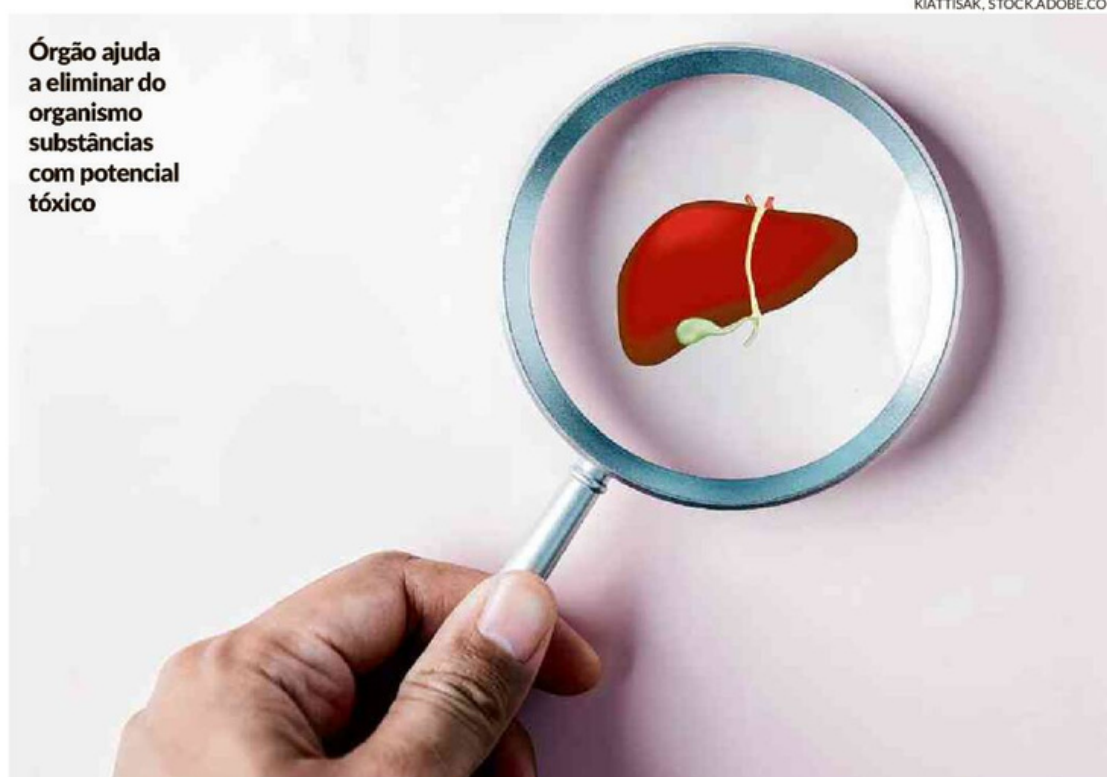
Agressões crônicas, como as causadas pelo consumo excessivo de álcool, por vírus ou por distúrbios imunológicos e metabólicos, podem provocar inflamação e lesão das células do fígado. Com o passar do tempo, esse processo pode levar à formação progressiva de cicatrizes no órgão e, finalmente, à cirrose. Embora algumas dessas alterações possam regredir quando a causa da doença é eliminada ou controlada, a cirrose avançada pode comprometer progressivamente o funciona-

mento do fígado e aumentar o risco de câncer. Nessa fase, podem surgir complicações como ascite – acúmulo de líquido no abdômen, conhecido como “barriga d’água” –, hemorragias digestivas e alterações neurológicas. Essas complicações frequentemente exigem internações e tratamentos repetidos e, comprometem a autonomia e a qualidade de vida. Nesses casos, o transplante de fígado pode se tornar a melhor opção de tratamento.

No Brasil, a distribuição dos órgãos doados segue critérios objetivos, transparentes e reconhecidos internacionalmente, para assegurar uma distribuição justa dos órgãos, priorizando pacientes de acordo com a gravidade da doença e critérios estabelecidos pelo sistema de transplantes. Entre as principais indicações para o transplante de fígado, estão a cirrose avançada e os tumores malignos primários do fígado.

Na maioria dos transplantes de fígado, o órgão provém de um doador falecido, com diagnóstico de morte encefálica, sendo necessária a autorização da família para a doação. Em situações específicas, o transplante pode ser realizado com parte do fígado de um doador vivo. A expansão dos programas de transplante depende diretamente da conscientização da população e do aumento das taxas de doação de órgãos. A doação de órgãos constitui um gesto de grande genero-

Órgão ajuda a eliminar do organismo substâncias com potencial tóxico



sidade e solidariedade, capaz de oferecer uma nova perspectiva de vida a pacientes para os quais as demais opções de tratamento já não são suficientes. Por isso, a conscientização da população sobre a importância da doação é fundamental para que mais pacientes possam ser beneficiados pelo transplante.

Histórico do RS

No Rio Grande do Sul, o programa de transplante de fígado teve início no final da década de 1980, por iniciativa visionária do cirurgião e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS Guido Cantisani. Antes de realizar o procedimento em seres humanos, a equipe passou por rigoroso treinamento experimental em cães e porcos, desenvolvido ao longo de três anos em parceria com o Hospital Veterinário da UFRGS e a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Esse trabalho culminou na realização do primeiro transplante hepático humano no estado, em 15 de junho de 1991. A paciente permaneceu viva e com boa qualidade de vida 35 anos depois.

O êxito desse modelo fundamenta-se em equipes de saúde altamente qualificadas e dedicadas, em um sistema de transplantes bem regulamentado e transparente e em instituições hospitalares dotadas de infraestrutura completa – incluindo unidades de terapia intensiva, centro cirúrgico especializado, banco de sangue, suporte laboratorial e atendimento multidisciplinar contínuo.

Atualmente, o Grupo de Transplante Hepático de Adultos da Santa Casa contabiliza cerca de 2.000 transplantes realizados, com taxas expressivas de sobrevida – aproximadamente 75% em cinco anos e 70% em 10 anos –, permitindo a muitos pacientes retomar a vida familiar, social e, quando possível, suas atividades profissionais. —

(*) Titular da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, professor associado no PPG de Hepatologia da UFCSPA e fundador do Grupo de Transplante Hepático de Adultos da Santa Casa de Porto Alegre
(**) Professor associado no PPG de Hepatologia da UFCSPA e fundador do Grupo de Transplante Hepático de Adultos da Santa Casa de Porto Alegre

Parceria com a Academia

- Este artigo faz parte da parceria firmada entre Zero Hora e a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM) em março de 2022.
- Uma vez por mês, o caderno Vida publica conteúdos produzidos por médicos da entidade.
- A ASRM completou 35 anos em 2025, conta com cerca de 90 membros de diversas especialidades e atualmente é presidida pelo psiquiatra Sérgio de Paula Ramos.

Consultas com especialistas de referência.

Mais de 30 convênios aceitos.

INSTITUTO DE CARDIOLOGIA
60 ANOS
Há 60 anos vivendo com você.